

Na Guerra do Contestado, a disputa de terra por grupos econômicos colocou em jogo cerca de 65% do território catarinense. O Paraná queria anexar a área marcada em vermelho no mapa. Se tivesse sido bem-sucedido, Santa Catarina hoje teria apenas 40 mil km², segundo a reprodução do mapa da época



CONTESTADO

Livro traz registros militares da guerra

No ano em que se comemora o centenário da Guerra do Contestado, seminário discute, a partir de hoje, detalhes da história catarinense e do Brasil. Evento segue até sexta-feira, com debates e exibições de filmes

ÂNGELA BASTOS

O general que dá nome a uma importante rua de Florianópolis, a qual leva ao alto do Maciço do Morro da Cruz, tem seu nome vinculado à Guerra do Contestado.

Hoje à noite, no Palácio Cruz e Sousa, o livro *Memórias do General José Vieira da Rosa – Participação na Guerra do Contestado* será lançado na sessão cultural Seminário Nacional 100 anos da Guerra do Contestado, promovido pelo Memorial do Ministério Público, com parceria do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC). O evento segue até sexta-feira e marca o centenário da maior revolta popular do século 20 ocorrida no Brasil.

A publicação é o primeiro volume da série *Memória Viva* de Santa Catarina e abrange cerca de cem páginas dos rela-

tos do General Rosinha, como era chamado pelos amigos, sobre temas diversos, com destaque para suas vivências na Revolução Federalista de 1893 a 1895 e na Guerra do Contestado, entre 1912 e 1916. O texto, até então inédito, foi atualizado ortograficamente e traz uma nota biográfica e introdução histórica.

General pode ser visto como bandido ou herói

Vieira da Rosa, além de militar experiente, era reconhecido sertanista atento à cultura popular. Natural de São José, andou por todo o Estado, no cumprimento de suas funções.

O general Rosinha ganhou reconhecimento, mas sua participação na Guerra do Contestado é polêmica entre aqueles que defendem o conflito como resistência do povo caboclo à opressão:

– A Operação Limpeza nada mais era

do que o extermínio de pessoas que resistiam às forças oficiais, as quais defendiam a depredação do território e das riquezas da terra, como a extração da madeira – observa Vicente Telles, do Museu do Contestado, que estará no seminário.

Com sua visão popular, Telles trará um grupo de artistas da região do Irani, palco do primeiro combate, onde foram mortos o monge José Maria e o militar João Gualberto, deslocado do Paraná para enfrentar os rebeldes. No evento, Telles verá duas composições suas interpretadas.

– Vamos cantar a *Vala dos 21*, revivendo o Combate do Irani. As pessoas que lá estiverem vão ver que quem morreu como bandido, agora revive como herói. Para nós, que defendemos a resistência à exploração, esta é a memória que precisa ser preservada.

angela.bastos@diario.com.br



UMA DISPUTA POR TERRENO

Santa Catarina já foi palco de uma guerra, entre 1912 e 1916. Esse conflito foi com o vizinho Paraná, pois na época os dois estados queriam um mesmo pedaço de terra onde hoje estão cidades como Curitibaanos, Caçador e Porto União. Os sertanejos, também chamados de jagunços, não aceitaram a instalação de uma grande serraria na região e a construção de uma estrada de ferro que levava embora a madeira. De cultura simples, os moradores da região seguiam o que diziam monges. Neste ano estamos recordando os cem anos do Contestado.

SERVIÇO

O que: Seminário Nacional 100 Anos da Guerra do Contestado

Quando: de hoje a sexta-feira

Onde: auditório da Procuradoria-Geral de Justiça – Rua Bocaiúva, 1750.

1º andar – Centro – Florianópolis



TRECHOS DA PUBLICAÇÃO

1915, 13 DE MARÇO

José Vieira da Rosa recebeu ordem para permanecer em Curitibaanos e assumir o comando das forças ali existentes. O reduto de Santa Maria havia caído; a fase agora era de limpeza, impedindo que os fanáticos novamente se reunissem e recomencessem a luta. Coube a José Vieira da Rosa, por merecimento, uma promoção.

1915, 16 DE ABRIL

O General Setembrino de Carvalho, ao despedir-se das tropas que teve a honra de comandar, assim louvado: o senhor capitão José Vieira da Rosa, no decurso desta campanha, tem prestado valiosos recursos, quer de arma na mão procurando, perseguindo o inimigo para denotadamente derrotá-lo, quer harmonizando os elementos políticos discordantes em

Campos Novos (...) para a consolidação do Contestado. Em vários encontros, tem provado rara coragem, atilamento, extraordinária atividade e proficiência que o distinguem como um dos mais brilhantes oficiais de sua arma e o recomendam à estima de seus chefes, as referências mais encomiásticas e aos postos mais elevados da hierarquia militar.

1916, 4 DE JANEIRO

O ministro da Guerra deu por ultimadas as operações. (...) Nesse mês, o presidente da República mandou louvar José Vieira da Rosa pela sua especial dedicação, bravura e capacidade militar, que demonstrou, batendo os últimos grupos de fanáticos, perseguindo-os e prendendo em grande número, de combinação com a força civil do Estado de Santa Catarina.